

**UM BREVE RELATO SOBRE A PRESENÇA DE IMIGRANTES
NO BAIRRO DE CAMPO GRANDE/RIO DE JANEIRO**

Danieli de Azevedo Gomes

Nilcilene Santos Vieira

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise sobre o movimento migratório, sendo esses amplos e complexos, por envolver diversos fatores que levam o indivíduo a migrações, nesse processo envolve as mais variadas culturas, religiões, classes sociais, etc. A partir do momento que o indivíduo tem sua estrutura pessoal e histórica vinculada ao lugar a que pertence, é imprescindível relatar a importância de tornar as culturas afetivas entre si, a fim de não causar a xenofobia e propiciar uma globalização de culturas diversificadas através da aceitação do que seja diferente e novo em relação a outros povos considerando que o novo lugar passará a pertencer ao imigrante.

Através de pesquisa bibliográfica e entrevistas com imigrantes presentes no bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro, foi possível verificar suas motivações permitindo a compreensão para tal deslocamento e reconhecer diferentes perfis de imigrantes.

Palavras-chaves: Imigrantes; migração; Campo Grande; Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

Na pesquisa desenvolvida, será apresentado um esboço de um movimento que ultrapassa toda a história da humanidade: a migração. O que irá interessar como fator, e enquanto ponto da Geografia, será a ênfase dada a uma espacialidade voltada a uma escala humana, ao processo do que se produz e de como se circula, ou com qual finalidade se mantém no meio enquanto sobreviventes que necessitam de se abrigar, se alimentar e que irá recriar o seu entorno se baseando em uma “ressignificação” do espaço, ou seja, de uma readaptação.

Notoriamente, para argumentar sobre migração torna-se necessário fazer alguns levantamentos como reconhecimento do território, uma vez que este se encaminhou pelos tempos, tendo significados e processos variados e sendo uma escala maior dentro do espaço alcançável. O território globalizado que se instaura a partir do século XX sendo propulsor de uma intensa migração em todo o globo, e conseqüentemente o lugar como um local de pertencimento e modificações do homem, e que hodiernamente como em toda a história remota, vem sendo palco das grandes experiências humanas. Dando ênfase a pressupostos filosóficos e de escalas que estariam voltadas a um único tema: o modo como os seres humanos respondem ao ambiente, definindo um elo de afeição e trabalho com os lugares.

Para entender os processos migratórios após um conhecimento prévio de território e lugar, será feita uma análise do espaço urbano como o bem quisto para o desenvolvimento desejado e necessário à vida, e este sendo um local da evolução espacial para os migrantes, que para ele se deslocam com intenções de realizar atividades comerciais nos grandes centros urbanos. Trazendo uma observação mais detalhada para a migração no bairro de Campo Grande no Rio de Janeiro, destacando o crescimento do local, como espaço urbano e a recepção dos imigrantes, relacionados ao longo da pesquisa, que vão em busca de trabalhos, estudos, refúgios...

A questão migratória torna-se um vasto campo de pesquisa, por envolver o homem como agente que irá se deslocar de um espaço a outro, interferindo neles e torna-se então necessário um diálogo com determinadas ciências e alguns pesquisadores como sociólogos, antropólogos, historiadores, geógrafos, cientistas, políticos, demógrafos, economistas. Pois o meio se desenvolve a partir de variáveis que envolvem as intenções do homem participativo e que tem necessidade de conviver em grupos.

Migração do contexto aos fatos

Entender relações focadas nas principais transformações sociais em curso é uma proposta de caracterização das múltiplas faces do território em um período que é marcado pelos processos da Globalização.

Segundo Haesbaerte e Limonad (2007), o termo “Globalização” é usado para indicar a disseminação em escala planetária de processos gerais que tenham relação com as lógicas de trabalho, difusão de informações e vínculo cultural.

A ideia de “Globalização” remete a uma imagem de um meio homogêneo sócio-cultural, econômica e espacialmente. Porém não é o que acontece, pois, esta homogeneização não ocorre, uma vez que a tendência é um rompimento das identidades locais, tanto econômicas quanto culturais, em uma única lógica, que culminaria em um espaço global despersonalizado e sem identidade específica; deixando claro que favorece uma dicotomia do meio e das pessoas envolvidas. Haesbaerte e Limonad (2007) na obra “O Território em Tempos de Globalização”, ressalvam:

Mas que, no entanto, não atinge igualmente todos os segmentos sócio-espaciais, pois não somente ela se processa em pontos seletivamente escolhidos do globo terrestre como, em muitos casos, é obrigada a adaptar-se e/ou a reelaborar processos político-econômicos e culturais ao nível local. Há que se considerar, ainda, que se há uma homogeneização pelo alto, do capital e da elite planetária, há também uma homogeneização da pobreza e da miséria, considerando-se que, à medida que a globalização avança, tende a acirrar-se a exclusão sócio espacial. (p. 40)

Esta exclusão espacial das sociedades será discutida a partir dos deslocamentos sociais, dos fatores econômicos e culturais. Os fatores econômicos estarão ligados à globalização e à fragmentação dos meios, pois ambos favorecem uma dicotomia econômica a partir do capitalismo existente e insistente ao penetrar nos grupos sociais causando distorções e diferenças de classe. Destaca-se uma certa fragmentação cultural a partir das resistências e lutas. Ainda de acordo com Haesbaerte e Limonad (2007, p.43)

Pode-se dizer, assim, que enquanto o território mais estável nas sociedades tradicionais era em geral fragmentador e excludente em relação a outros grupos culturais mas profundamente integrador e holístico no que se referia ao interior do grupo social, no mundo moderno capitalista a fragmentação territorial interna ao sistema é uma necessidade vital para a sua reprodução (a começar pela instituição da propriedade privada e pela dessacralização da natureza, separada do social), sendo que esta forma de organização territorial, cada vez mais moldada pela mobilidade, pelos fluxos e pelas redes, tende a fragmentar e, destarte, assimilar todo tipo de cultura estrangeira.

O mundo, ao mesmo tempo em que se desenvolve junto aos fluxos de capital de forma globalizada, gera também controles e divisões territoriais e que de fato é visto quando se fecham as fronteiras territoriais aos fluxos migratórios. Gera-se na esfera global inúmeros territórios e territorialidades dependendo da escala espacial (local, regional, nacional). E concomitantemente existirão territórios simples e múltiplos (com uma ou mais culturas). Ou seja um globalizado homogêneo/ globalizado fragmentado, como afirmam Haesbaert e Limonad (2007, p.48):

Temos, assim, no processo de construção dos Estados contemporâneos uma mescla de distintas identidades culturais e territoriais, que antes conformavam distintas territorialidades (variadas formas de apropriação de uma parcela do espaço por distintos grupos sociais). Que leva à asfixia de traços culturais e tradições minoritários, seja do ponto de vista da organização social como um todo.

Estes grupos sociais distintos são, por vezes, aqueles que não atingem o status desejado ao ideal de globalização, pois são expostos à mão de obra desqualificada e a posições sociais inferiores, permanecendo numa faixa de degradação. São mais fáceis de ser identificados: hoje há uma complexidade e uma sobreposição muito maior de territórios, às vezes gerando novas identidades culturais. O fato está na maneira pela qual muitas destas territorialidades provocam uma redefinição de limites políticos e territoriais, o que faz com que as migrações alterem a geografia do mundo. Pois há um maior fluxo de pessoas de diferentes classes, línguas, religiões com intenções voltadas a mercadorias, capital e informação, tudo se torna mais móvel, gerando múltiplos territórios e territorialidades. Como afirmam Haesbaert e Limonad (2007, p.49), “num sentido mais simbólico, o território pode moldar identidades culturais e ser moldado por estas, que fazem dele um referencial muito importante para a coesão dos grupos sociais. ”

A construção do território é o resultado da ligação de duas bases principais, um material e ligada à esfera político-econômica; outra mais simbólica, ligada à esfera da cultura e do conjunto de símbolos e valores partilhados por um grupo social, os costumes. A territorialidade é a que mais nos surpreende, pois envolve a escala mundo, na qual se vê uma gestão política exigente e os fluxos em vários níveis.

Dentro dessas novas territorialidades o migrante possui trunfos para saber quando é necessário fazer novas conexões situadas em diferentes contextos territoriais (locais, nacionais) no globo:.

Esse migrante globalizado pode estar ligado a territorialidades locais (um bairro numa grande metrópole), regionais (a região e a língua ou dialeto no país de origem ou de destino), nacionais (o Estado-nação em que se situa e o de onde partiu) e globais (o próprio território-rede da diáspora a que pertence). (HAESBAERT e LIMONAD, 2014, p. 5)

A produção do espaço necessita de uma participação ativa do homem. A partir daí, constroem-se ambientes geográficos definidos pela atuação do mesmo. Na questão do indivíduo migrante esta afeição se dá a partir do momento que reproduzirá nos locais escolhidos, suas culturas, e trabalhos formando novos locais e conceitos de mundo no momento em que se faz pertencer ao novo lugar.

Deste modo, deve-se trabalhar a questão de lugar ao qual está inserido o pertencimento do indivíduo enquanto lar e enquanto trabalho. O tom sentimental do espaço está unido ao equipamento perceptivo, à experiência, ao temperamento e propósito do indivíduo humano, pois adquirimos conhecimento do mundo através das possibilidades e limitações dos nossos sentidos. O espaço que podemos perceber estende-se na frente e ao redor de nós. Esta região puramente visual parece estática ainda, porém tudo se move em seu interior pelas múltiplas atividades que são exercidas nele. E uma delas será a construção de uma identidade própria.

Ao buscar espaços para reescrever suas histórias, seja reproduzindo, refugiando-se ou desenvolvendo culturas, o homem cria novas territorialidades, que muitas das vezes estarão inseridas em complexos periféricos considerados urbanos. Nos dias de hoje vemos os grandes centros urbanos voltados para a globalização oferecendo tudo o que seja necessário para uma suposta qualidade de vida ou desenvolvimento desta através do desenvolvimento do comércio ou cultura, tornando certo o enraizamento a partir do momento que o homem ao se imigrar, busca este espaço para se apropriar, produzir e acumular. Segundo Carlos (2007, p.12)

A vida cotidiana se exprime como expressão aprofundada do mundo enquanto ação – ato. Atividade humana marcada por uma relação profunda e significativa com os espaços-tempos dos gestos que exprimem uma ação, na qual o movimento do corpo e dos olhos compõem e dão significado à vida, não somente a realidades interiores. Mas apropriação e dominação se separam no mundo moderno, entram em conflito; a dominação ganha o conteúdo das estratégias políticas que produzem o espaço da coação, posto que normatizado pela ordem que se impõe a toda a sociedade, trazendo, como consequência, o direcionamento da prática espacial. Tal fato entra em conflito com o sentido da apropriação que se realiza enquanto prática criativa em luta contra a norma.

No plano da gestão do espaço da cidade, uma nova racionalidade se define, pois, o espaço da metrópole apresenta um novo modelo de circulação. O aumento da velocidade das comunicações, ligando lugares e pessoas em rede e permitindo um aceso mais rápido à informação, produzindo um espaço isolado.

Como a produção da identidade se realiza praticamente nos lugares de apropriação pela relação com o outro, sua constituição irá se realizar através de novos parâmetros. As relações do homem comum se realizam, concretamente, no lugar, no plano da vida cotidiana. Neste sentido, o homem não habita a metrópole, mas lugares da metrópole onde acontece a sua vida, marcada pelo dia a dia. Atualmente, se revelando a constituição de um novo urbano, que permeia a mercadoria e a recusa do outro.

As relações entre as pessoas passam pela simples posse da riqueza. O individualismo que se reproduz como condição e produto da reprodução das relações sociais ou como o uso tem um caráter local, pois contempla os trajetos e percursos que o cidadão realiza cotidianamente como condição de realização de sua vida enquanto manifestação dos seus atos, como ir ao trabalho diariamente, ir à feira, ao supermercado, visitar amigos, e, estes momentos do uso aparecem como modos apropriação dos lugares da cidade, através do corpo humano.

Estes lugares são constantemente redefinidos pelas metamorfoses da morfologia urbana, através das políticas. Tal tendência submete o cidadão marcando a passagem do processo de consumo no espaço ao consumo do espaço e é desta forma que entenderemos a busca de muitos migrantes aos lugares que possivelmente retratam-se como centros urbanos. Fazendo com que novas relações sociais deem forma as cidades. De acordo com Carlos (2007, p.41)

A possibilidade do entendimento do espaço geográfico enquanto produto histórico e social abre perspectivas para analisar as relações sociais a partir de sua materialização espacial, o que significa dizer que a atividade social teria o espaço como condição de sua realização. Deste modo, as relações sociais realizam-se concretamente através de uma articulação espaço-tempo, o que ilumina o plano do vivido, ou seja, a vida cotidiana e o lugar. Assim, a reprodução de relações sociais materializa-se em um espaço apropriado para este fim, e a vida, no plano do cotidiano do habitante, constitui-se no lugar produzido para esta finalidade e é nesta medida que o lugar da vida constitui uma identidade habitante-lugar.

Os contextos podem emergir e manter os fluxos migratórios, onde temos a ênfase de um processo econômico como principal motivo dos grandes deslocamentos populacionais; e outro mais recente, que são as redes sociais. Compõe-se assim um grande quadro sobre a migração, o migrante, seus movimentos, os processos materiais, as consequências e implicações em diferentes escalas, os símbolos e as transformações culturais.

Os migrantes são vistos como sujeitos expropriados e, por isso, forçados a uma peregrinação constante na busca de trabalho, renda e melhores condições de vida. Não se pode negar, que há casos em que pessoas, grupos e famílias se deslocam por outros motivos, como o turismo, o comércio e as visitas e permanecem nos lugares diferentes de suas origens. De certo modo, a estrutura necessita desses migrantes que se tornam uma mão de obra barata, movimentando o mercado. “Neste contexto e em linhas gerais, a migração não parece ser um fenômeno natural e espontâneo, mas sim provocado por estruturas muitas vezes injustas ligadas a contextos econômicos, políticos, sociais e ideológicos.” (BRUMES e SILVA, 2011, p. 124)

Para entender a migração é necessário observar os papéis que são desempenhados pelos imigrantes no que corresponde nas suas atividades ou influências na sociedade (crenças, valores, cultura, relacionamentos, representações), sendo observadas relações que vão além das estabelecidas pelo capital como as dinâmicas sócio-espaciais da mediação e do convívio, relacionando fatores econômicos e sociais.

Portanto, entender a migração por meio dessas perspectivas pode permitir observar que existem entre os sujeitos do processo, por exemplo, trocas de informações

e de materiais que podem estabelecer laços ou conexões capazes de explicar os motivos pelos quais muitos fluxos acontecem. A mobilidade da força de trabalho, também responde pelas migrações, fundamenta-se especialmente na teoria marxista do trabalho, que leva em consideração a relação capital/trabalho e a produção e reprodução.

A migração é um grande agente de modificação do espaço que se dá pela busca de acumulação de capital e esta sendo possibilitada pela mobilidade da força de trabalho, pois o homem é livre para circular mediante suas necessidades de comercialização, sendo possível ou não se fixar em novos territórios. Criando não só novas estruturas, mas também a circulação de bens. Como um fenômeno social de grande significado na vida das nações, as migrações resultam de processos econômico-materiais de mudança.

A chegada no meio urbano e econômico nem sempre garante aos migrantes uma estabilidade ou suficiência que garantisse uma sobrevivência. O que pode ser reforçado pela ideia de Baltar, Dedecca & Henrique (2011, apud MATTOSO, 1997, p. 89) afirmam que:

[...] apesar de o desenvolvimento econômico ter gerado amplas e novas oportunidades ocupacionais, em especial nas atividades urbanas e que possibilitaram uma expressiva mobilidade social ascendente, há duas questões básicas que condicionam aquela reprodução. A primeira questão diz respeito ao volume e velocidade significativa de êxodo rural e suas consequências sobre a estruturação do mercado de trabalho urbano [...]. A segunda questão diz respeito, propriamente, ao tipo de geração de emprego e renda urbana [...].

Tipos de migrações como nacionais, internacionais, definitivas, de retorno, sazonais, temporárias, rurais-urbanas vêm atingindo a região que mais se desenvolve no Rio de Janeiro, a Zona Oeste. E este processo é possível ser visto em Campo grande onde o processo de globalização se torna enfático no tocante que a relação com a economia é visível, caracterizando modelos de mão de obra e de trabalhadores autônomos.

O método utilizado de estudo para esse recorte foi o de entrevistas, pois, ainda não existem fontes nem dados estatísticos sobre os imigrantes no presente bairro. Segundo Ferreira (2000), as realizações de entrevistas permitem produzir um conjunto de relatos de histórias de vida. Ao registrar as experiências daqueles atores envolvidos diretamente nos episódios narrados, este tipo de depoimento fornece informações que preenchem

lacunas deixadas pelas fontes escritas, sendo especialmente útil para a recuperação da trajetória dos excluídos, cujas fontes são especialmente precárias.

Ao caminharmos pelas ruas comerciais do bairro de Campo Grande, no Rio de Janeiro, nos deparamos com imigrantes com suas barracas nas calçadas ou vendendo de forma improvisada suas mercadorias. Estão também presentes nas lojas populares e nas famosas “pastelarias chinesas”.

O primeiro entrevistado L. de 28 anos nasceu na cidade de Bogotá (Colômbia) e encontrava-se no país havia apenas seis meses. Ele nos relatou que deixou em seu país sua mãe e mais 7 irmãos. Chegou ao Brasil de avião onde, desembarcou em São Paulo e depois veio para o Rio de Janeiro. Residiu no bairro de Bangu por pouco tempo e hoje mora em Campo Grande e sua renda vem exclusivamente das vendas de bolsas no calçadão do bairro.

Os motivos que o levaram vir para o Brasil foi seu “espírito aventureiro”, pois antes já tinha passado por outros países como Chile, Peru e Argentina.

Z. C. de 24 anos, que mora no Rio de Janeiro com seu irmão há 3 anos, são chineses. Ao chegar à cidade, os dois residiram no bairro da Tijuca e depois vieram para o bairro de Campo Grande. Trabalham num trailer vendendo Yakisoba¹. O local fica bastante movimentado durante a noite, o que dificultou um pouco a entrevista, e o que os motivaram vir para o Brasil foi a busca por uma vida melhor.

S.C de 30 anos, chegou ao Brasil com sua mãe e suas irmãs na cidade de São Paulo em busca de melhores condições de vida, tendo como seu país de origem Taiwan. Após alguns anos morando na cidade de São Paulo, S.C recebeu uma proposta para ser tradutor de Mandarim em uma grande empresa no Rio de Janeiro, onde teve toda sua hospedagem e alimentação custeada pela mesma passando a residir no bairro de Campo Grande. Há mais de 10 anos residindo no Brasil, ele obteve a dupla cidadania. A grande

¹ Yakisoba¹- é um prato de origem sino-japonesa cujo nome significa, literalmente, "macarrão de sobá frito"

dificuldade apresentada foi com a cultura e no início sofreu discriminação pois não conseguia entender alguns costumes brasileiros.

A quarta entrevistada foi L. Equatoriana de 19 anos, que veio para o Brasil, há quatro, com a irmã mais velha por motivos de trabalho e para melhorar as condições de vida da família. Todos os meses enviam dinheiro para seus pais e seus oito irmãos que estão na cidade de Quito.

No Brasil, L concluiu o curso de Inglês. No momento não está estudando. Ela relatou que fizeram o trajeto do Equador para o Brasil de avião, e que residiram primeiro no Centro da cidade do Rio de Janeiro e agora estão morando de aluguel no bairro de Campo Grande. A maior dificuldade enfrentada por elas não foi a do idioma, mas em algumas vezes sofreram discriminação por serem estrangeiras principalmente pela fiscalização, que é mais rigorosa com os imigrantes. As irmãs vendem roupas nas calçadas do bairro e suas mercadorias geralmente são compradas na 25 de março em São Paulo. Como meio de diversão todo sábado e domingo, elas encontram vários imigrantes de todas as partes do Rio de Janeiro no Aterro do Flamengo, onde se reúnem para conversar e jogar futebol.

N. de 31 anos de idade, de Guiné-Bissau, veio para o Brasil com o intuito de cursar uma faculdade, onde recebeu o apoio e custeio de sua família até conclusão do seu curso. Ao terminá-lo, decidiu permanecer no Brasil, onde no momento cursa a pós-graduação, sua fonte de renda atualmente são as aulas particulares de inglês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto podemos perceber em um pequeno recorte, diferentes perfis de imigrantes.

É através de seu corpo, de seus sentidos que o homem constrói e usa o espaço, isto é, o lugar é a porção do espaço utilizado para o desenvolvimento da vida. Nesse processo vão se identificando os lugares da vida, marcando e apoiando a relação com o outro. Assim se constrói a relação cidadão/identidade/lugar, que aponta a necessidade de

considerar o corpo, pois é através dele que o homem habita e se apropria do espaço através dos modos de uso; e essa utilização que dá acesso ao mundo.

Porém, a ideia de que todas as classes são deslocadas horizontalmente não deve ser compreendida ao pé da letra. A migração deve ser entendida a partir da análise da importância das instâncias sociais, políticas e culturais e principalmente econômica, pois a mobilidade da população, diante de um processo de urbanização extensivo no território, pode potencializar e redefinir os movimentos populacionais em escala local e baseada em desigualdades sociais pois os deslocamentos criados pelo processo sócio- econômico se desenvolve num contexto social historicamente determinado.

As pessoas se deslocam repetidas vezes sobre o espaço a fim de encontrar uma forma de sobrevivência. Esse comportamento pouco tem a ver com uma cultura nômade ou de uma aventura, pois se fundamenta numa busca constante de melhores oportunidades econômicas ou da própria sobrevivência. Pois para reconstituir a história migratória de uma pessoa passa-se por grande parte de sua vida ativa se deslocando atrás do trabalho e o mesmo ocorre com os migrantes na zona oeste do Rio de Janeiro. Portanto o período atual impõe uma nova relação espaço-tempo, e com ela, a produção de novas mediações entre o habitante e o lugar.

Referências Bibliográficas

BRUMES, Karla Rosário. SILVA Márcia da. A migração sob diversos contextos S. Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). **Bol. geogr., Maringá**, v. 29, n. 1, p. 123-133, 2011

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007, 123p.**

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Fontes históricas para o estudo da imigração.** Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. 9f.

HAESBAERT, Rogério. **Da multiterritorialidade aos novos muros: paradoxos da des-territorialização contemporânea.** Universidade Federal Fluminense Niterói, 2011
Disponível em:
http://www.posgeo.uff.br/sites/default/files/da_multiterritorialidade_aos_novos_muros.pdf

Um breve relato sobre a presença de imigrantes no bairro de Campo Grande/Rio de Janeiro
Danieli de Azevedo Gomes
Nilcilene Santos Vieira

HAESBAERT, Rogério. LIMONAD Ester . O território em tempos de globalização.
Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas
Disponível em: http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007_2_4.pdf

HAESBERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: EdUSP, 1998.